

**Variação no uso de conectores sequenciadores temporais
em gêneros textuais narrativos produzidos
em entrevistas sociolinguísticas**

*Variation in the usage of temporal sequencing connectors
in textual narrative genres produced in sociolinguistic interviews*

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Lagoa Nova / Brasil

aliceflp@hotmail.com

Resumo: Este texto apresenta uma análise de uma variável discursiva, a sequenciação temporal de eventos, tomando como formas variantes os conectores *e*, *aí* e *então*. Os dados foram extraídos de narrativas de experiência pessoal e narrativas habituais produzidas em 24 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL, de Florianópolis (SC). O objetivo deste estudo é averiguar se esses gêneros narrativos, que podem ser diferenciados estilisticamente, influenciam o uso dos conectores *e*, *aí* e *então*. Os resultados mostram que *aí*, que tende a ser relacionado, pelos falantes, a contextos de interação informais, é favorecido na narrativa de experiência pessoal, um gênero que geralmente desperta maior envolvimento emocional e, assim, estimula a adoção de estilos informais. Em contraste, *aí* é desfavorecido na narrativa habitual, um gênero que tende a despertar menor envolvimento emocional, o que pode fazer com que o falante adote estilos menos informais. Os conectores *e* e *então*, estilisticamente neutros, são favorecidos na narrativa habitual. Este estudo trouxe evidências de que o controle de gêneros textuais pode ser bastante útil para a obtenção de conhecimentos mais acurados sobre a variação discursiva.

Palavras-chave: conectores sequenciadores temporais; entrevista sociolinguística; narrativa de experiência pessoal; narrativa habitual.

Abstract: This paper presents an analysis of a discursive variable, the temporal sequencing of events, taking the connectors *e*, *aí* and *então* as variants. The data were drawn from narratives of personal experience and habitual narratives produced in 24 sociolinguistic interviews from the VARSUL data base of Florianópolis (SC). The goal of this study is to verify if these narrative genres, which can be differentiated stylistically, influence the usage of connectors *e*, *aí* and *então*. The results show that *aí*, which is likely to be related, by speakers, to informal contexts of interaction, is favored in narratives of personal experience, a genre that commonly arouses great emotional involvement, and, thus, encourages adoption of informal styles. In contrast, *aí* is disfavored in habitual narratives, a genre that tends to arouse less emotional involvement, which may cause the speaker to adopt less informal styles. The stylistically neutral connectors *e* and *então* are favored in habitual narratives. This study has offered evidence that the control of genres can be very useful for obtaining more accurate knowledge of discursive variation.

Keywords: temporal sequencing connectors; sociolinguistic interview; narrative of personal experience; habitual narrative.

Recebido em: 30 de setembro de 2016.

Aprovado em: 21 de novembro de 2016.

1 Introdução

Neste texto, em uma perspectiva sociolinguística variacionista, abordo a sequenciação temporal de eventos, uma variável discursiva do plano da junção coesiva de porções textuais. Trata-se da articulação de cadeias de eventos segundo sua ordem de ocorrência no tempo, com a implicação de que o primeiro conjunto de eventos aconteceu antes do segundo conjunto de eventos.¹

¹ Este trabalho está vinculado ao projeto *Mudança geracional versus difusão interdialeal: uma abordagem sociofuncionalista a conectores sequenciadores*, que recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (processo n. 306684/2014-4).

Tomo como formas variantes os conectores *e*, *ai* e *então*, que são os mais frequentes na indicação de sequenciação temporal de eventos no *corpus* utilizado. Esses conectores são bastante recorrentes em gêneros textuais narrativos, que têm como uma de suas características principais a sequenciação temporal de eventos: “narrativas são identificadas pela existência de juntura temporal” (LABOV, 2013, p. 223, tradução minha). Seguem algumas ocorrências:

(1) Cheguei em casa, fiz uma comidinha bem rápida pros guris, e disse pro pro J. assim ó: “Tu ficas com as crianças que [eu vou <co->]- [eu vou ficar]- vou passar a noite com a mãe”. E descí. (FLP03)²

(2) Quando ele via que eu estava quieta, ele entrava. *Ai* se sentava e não dizia nada. *Ai*, ou eu achava um pezinho pra falar alguma coisa, ou então eu ficava quieta também. (FLP03)

(3) *Então* eles chamavam: “Ó, vem o Delegado A.” *Então* o Delegado A., ele pegava uma cinta. Ele não andava armado, mas era com uma cinta. *Então* ele pegava a gente, dava uma surra. Quem fosse pra cadeia, levava surra. (FLP18)

Os dados foram extraídos de dois gêneros narrativos, a narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual, produzidas em entrevistas sociolinguísticas feitas com informantes de Florianópolis (SC). Essas entrevistas pertencem ao banco de dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL).

Adoto a definição de gênero textual proposta por Martin e Rose (2008), segundo a qual um gênero textual corresponde a um padrão textual global recorrente que remete a configurações de significados relacionados a práticas sociais de uma cultura. Nessa perspectiva, os gêneros textuais são “processos sociais orientados para um objetivo” (MARTIN; ROSE, 2008, p. 6, tradução minha), posto que falantes e escreventes adaptam seus textos para ouvintes e leitores variados em diferentes situações de interação.

Segundo Martin e Rose (2008, p. 218, tradução minha), “gêneros textuais curtos podem estar aninhados dentro de gêneros textuais maiores”. Os autores usam a denominação *macrogênero* em referência a esses gêneros textuais maiores que contêm, em sua composição,

² A sigla FLP refere-se a Florianópolis. Os números identificam as entrevistas sociolinguísticas das quais foram extraídas as ocorrências apresentadas.

diferentes gêneros textuais. A entrevista sociolinguística caracteriza-se como macrogênero porque pode dar abrigo a diferentes gêneros textuais, como a narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual.

A narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual têm características distintas que podem influenciar o estilo adotado pelo falante. Por geralmente instigar um maior envolvimento emocional do falante com o que ele está contando, a narrativa de experiência pessoal é o gênero que mais abre espaço para a emergência de estilos informais em uma entrevista sociolinguística (cf. LABOV, 2001, 2004, 2013, entre outros).³ A narrativa habitual, apesar de ser também um gênero narrativo, não tende a provocar um intenso envolvimento emocional (cf. RIESSMAN, 2008), o que pode fazer com que o falante adote um estilo menos informal do que o que tende a adotar em uma narrativa de experiência pessoal.

Em Tavares (2003), apliquei, a informantes nativos de Florianópolis, um questionário versando o emprego dos conectores *e*, *aí*, *daí* e *então*.⁴ Duas questões foram propostas: i) “Em sua opinião, um ou mais dentre os conectores *e*, *aí*, *daí* e *então* não pertence(m) à língua portuguesa padrão? Em caso afirmativo, qual ou quais?” e (ii) “Em que tipo de situações de fala ou de escrita os conectores não pertencentes à língua padrão deveriam ser evitados? Por quê?” Quanto à primeira questão, os informantes foram unânimes em apontar *e* e *então* como pertencentes à língua padrão e *aí* e *daí* como não pertencentes. Quanto à segunda questão, todos os informantes julgaram a utilização de *aí* e *daí* indevida em situações mais formais, o que indica que esses conectores são formas estilisticamente marcadas como informais em Florianópolis. No que diz respeito a *e* e *então*, os informantes afirmaram que esses conectores podem ser utilizados tanto em situações formais quanto informais, sendo, portanto, estilisticamente neutros.

³ Labov (2001, 2004, 2013) não relaciona a narrativa de experiência pessoal com a questão dos gêneros textuais. No entanto, Eckert (2001), Macaulay (2001) e Silva (2010), entre outros, consideram esse tipo de narrativa um gênero textual, mesmo quando produzido em entrevistas sociolinguísticas.

⁴ O questionário foi respondido por escrito no ano de 2002 por um pequeno grupo de florianopolitanos, composto por dois pré-adolescentes da quarta série do ensino fundamental, dois adolescentes da oitava série do ensino fundamental, quatro adolescentes com ensino médio completo e três adultos, um com oito anos de escolarização e dois com onze.

Uma vez que o estilo é um dos fatores que motiva o usuário da língua a optar por certas formas linguísticas às expensas de outras, tenho como objetivo averiguar se os gêneros narrativa de experiência pessoal e narrativa habitual, que podem ser diferenciados estilisticamente, influenciam o uso dos conectores *e*, *aí* e *então*.⁵ *Aí*, que, conforme apontaram os informantes submetidos ao questionário acima descrito, é tipicamente usado em situações de interação informais, deve ser favorecido na narrativa de experiência pessoal, *locus* por excelência de estilos casuais na entrevista sociolinguística. Por sua vez, *e* e *então*, estilisticamente neutros, devem ter seu uso favorecido na narrativa habitual.

A seguir, sintetizo pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista centrais para este estudo e descrevo os gêneros textuais narrativa de experiência pessoal e narrativa habitual. Na sequência, relato os procedimentos metodológicos adotados e analiso os resultados obtidos.

2 Sociolinguística variacionista: foco na questão estilística

A sociolinguística variacionista volta-se ao estudo da variação linguística, lançando o olhar sobre as escolhas feitas consciente ou inconscientemente pelos falantes, sob influência de fatores diversos, entre duas ou mais formas – ditas variantes – disponíveis em uma dada comunidade de fala para a codificação de um mesmo significado ou função. Um conjunto de formas variantes integra uma variável linguística, conceito que corresponde ao significado ou função codificada por essas formas. Fenômenos de variação podem ser encontrados em qualquer nível da língua: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo.

A investigação sociolinguística se concentra, em particular, na análise quantitativa de três tipos de restrições que podem se aplicar à variação linguística: (i) restrições sociais, envolvendo fatores como sexo, idade, etnia e classe social dos falantes; (ii) restrições estilísticas, envolvendo fatores como os papéis socioculturais assumidos pelo falante

⁵ O conector *dai* foi excluído deste estudo em razão de sua baixa frequência entre os indivíduos de 25 a 50 anos e de mais de 50 anos, que representam as duas faixas etárias aqui controladas. A taxa de ocorrência do *dai* na indicação de sequenciação temporal é de apenas 3% dos dados de cada uma dessas faixas etárias, o que inviabiliza a inclusão do conector em apreço na análise estatística multivariada.

e pelo ouvinte no momento da interação, a familiaridade entre eles, o tópico tratado e o nível de envolvimento emocional do falante com o que diz; (iii) restrições linguísticas, envolvendo fatores variados, cuja seleção dependerá da variável linguística tomada como objeto de estudo.

Na ótica da sociolinguística variacionista, os fatores de ordem estilística relacionam-se à dimensão formal-informal. Labov (2008)⁶ propõe uma escala de estilos que parte do mais informal entre os estilos, o vernáculo ou fala casual, “em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244), e chega a estilos de grande formalidade, como o acadêmico. Retomando os fatores estilísticos elencados no item (ii) acima, aponto que a adoção de estilos com maior grau de informalidade é favorecida em situações de interação em que os participantes assumem papéis socioculturais simétricos, estão familiarizados entre si, dominam o tópico tratado e estão emocionalmente envolvidos com o que dizem.

Aplicando-se esses fatores ao caso da entrevista sociolinguística, fonte dos dados analisados neste estudo, constata-se que geralmente os papéis assumidos pelos participantes são assimétricos, uma vez que o entrevistador conduz a entrevista, solicitando que o informante aborde tópicos variados; o informante não é alertado previamente a respeito dos tópicos, então pode dominá-los ou não; os participantes não se conhecem antes da realização da entrevista; o nível de envolvimento emocional do informante varia de neutro a intenso – por exemplo, se está falando sobre aborto, pode defender sua opinião a respeito desse tópico polêmico de modo indiferente, moderado ou exaltado.

A entrevista sociolinguística é o gênero textual mais empregado como instrumento de coleta de dados para a análise da variação linguística. Trata-se de uma entrevista de pesquisa semiestruturada ou não estruturada, isto é, flexível e não dirigida, visto que o entrevistador não segue necessariamente um roteiro de perguntas (cf. RIESSMAN, 1993). A fim de coletar grande quantidade de dados de diferentes fenômenos variáveis, o que é necessário para a utilização de instrumentais estatísticos, o entrevistador incentiva o informante a manter a palavra a maior parte do tempo através da “elaboração de perguntas que irão gerar respostas conversacionais longas” (MILROY; GORDON, 2003, p. 61).

⁶ Originalmente publicado em 1972.

Longos trechos de fala do informante podem receber a forma de diferentes gêneros textuais, o que faz da entrevista sociolinguística um macrogênero (cf. MARTIN; ROSE, 2008). Tavares (2015) observa que dois gêneros narrativos, a narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual, estão entre os gêneros mais recorrentes em entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados VARSUL.⁷ Esses dois gêneros textuais podem se distinguir quanto ao grau de envolvimento emocional do informante em relação aos eventos narrados. Na sequência, caracterizo cada um deles.

Em uma narrativa de experiência pessoal, o informante relata eventos passados, de ocorrência única, que provocaram emoções fortes como medo, tristeza, alegria ou raiva. Ao contar esses eventos, o informante pode ser bastante arrebatado pela emoção de revivê-los. Ao ficar emocionalmente absorto, é possível que ele reduza o grau de monitoramento da fala, deixando emergir estilos com maior grau de informalidade. Labov (2013), lembrando as técnicas que propôs para diminuir o nível de formalidade na entrevista sociolinguística (cf. LABOV, 2001, 2004, 2013, entre outros), pontua que a que mais trouxe resultados foi a elicitación de narrativas de experiência pessoal. O autor observou que

O nível de formalidade era nitidamente reduzido quando as pessoas estavam falando sobre suas experiências pessoais – eventos que realmente aconteceram – em contraste a quando estavam emitindo suas opiniões genéricas. Quando a narrativa era centrada em experiências realmente importantes, o nível de formalidade caía ainda mais (LABOV, 2013, p. 2, tradução minha).

O rótulo “narrativa habitual” é empregado por Riessman (1991) para o mesmo gênero textual que Labov (2001) chama de “pseudonarrativa” e Silva e Macedo (1996) chamam de “descrição de vida”. Trata-se de um gênero textual caracterizado pela descrição de eventos que ocorriam habitualmente no passado. Ao recapitular eventos

⁷ Nessas entrevistas aparecem também gêneros textuais como relato de opinião, anedota, receita culinária e outros gêneros instrutivos, além de vários gêneros narrativos, a exemplo de narrativa vicária, narrativa autobiográfica, narrativa biográfica e narrativa projetada (cf. TAVARES, 2015).

que aconteceram repetidas vezes, o informante, em uma narrativa habitual, aborda o “curso geral de eventos ao longo de um período de tempo, com os sintagmas verbais e advérbios marcando repetição e rotinização” (RIESSMAN, 2008, p. 99).

Em uma narrativa habitual, contar eventos de múltiplas ocorrências, que se repetiam no passado, envolve um sabor misto de narrar e descrever o passado.⁸ Sobre esse caráter descritivo da narrativa habitual, Carranza (1998, p. 287) afirma que “sequências de eventos repetidos ou habituais criam um efeito de um retrato estático e autocontido do passado.” Segundo Riessman (2008, p. 99), por seu caráter descritivo, as “narrativas habituais são menos dramáticas do que os relatos ponto a ponto de uma ocasião única”, que é o caso das narrativas de experiência pessoal.

Portanto, embora a narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual sejam ambos gêneros narrativos, a tendência é que na primeira o narrador manifeste menor envolvimento emocional do que na segunda. Isso porque narrar eventos de ocorrência única e que foram tocantes, assustadores ou de algum modo interessantes costuma despertar maior conexão emocional do que narrar eventos que ocorriam habitualmente no passado. Assim, em uma narrativa habitual, o informante pode adotar um estilo menos informal do que o que tende a adotar em uma narrativa de experiência pessoal.

3 Variação entre os conectores *e*, *aí* e *então* em gêneros textuais narrativos

Como vimos, a narrativa de experiência pessoal pode ser definida como um relato de situações singulares vivenciadas pelo narrador, situações essas que lhe foram bastante significativas – empolgantes, comoventes, aterradoras. Caso o narrador se entusiasme ao reavivar essas situações, é grande a possibilidade de que reduza o monitoramento da fala, deixando vir à tona estilos marcados pela informalidade. Esse é um contexto favorável para a utilização do conector *aí*, que se vincula a situações de interação informais.

A narrativa habitual, por não ser dinâmica, já que envolve a recapitulação de situações que aconteciam repetidamente, tende a exercer

⁸ É possível que Silva e Macedo (1996) tenham optado pelo rótulo “descrição de vida” devido ao caráter limítrofe entre narração e descrição da narrativa habitual.

menos impacto dramático que as narrativas de experiência pessoal, o que pode levar à adoção de estilos com maior grau de formalidade. Assim, os conectores *e* e *então*, estilisticamente neutros, devem ser mais utilizados nesse tipo de narrativa.

Para testar essas hipóteses, analisei 378 dados de uso dos conectores *e*, *ai* e *então* na indicação de sequenciação temporal de eventos em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais. Esses dados foram extraídos de 24 entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL). Essas entrevistas foram feitas com informantes naturais de Florianópolis (SC), distribuídos homogeneamente de acordo com os seguintes fatores sociais: sexo, idade (de 25 a 45 anos e de 50 anos em diante) e escolaridade (primário, equivalente ao fundamental I; ginásio, atual fundamental II; e colegial, correspondente ao ensino médio).

Os trechos de entrevistas sociolinguísticas apresentados em (4) e (5) a seguir trazem uma narrativa de experiência pessoal e uma narrativa habitual, respectivamente. Nelas, estão em destaque os conectores *e*, *ai* e *então* encadeando eventos de acordo com sua ordem cronológica de ocorrência.⁹

(4) I: Quando ela estava com sete meses, aproximadamente sete meses. Não, minto, ela já estava [querendo beirar] já querendo, assim, pra [dez] dez a onze meses, tá? Eu tinha o carro, eu tinha um fusquinha, que era, inclusive, do laboratório, mas aí eu fiz um negócio com a M. H., tá? e acabei ficando com aquele fusquinha. Um fusquinha verde, um carro- [E]- e nessa minha casa, em Coqueiros, tem uma garagem, é uma subida, tá? tem uma rampazinha pra- Que quando eu cheguei em casa, ela estava agarradinha [no] na grade, assim, [da] [da] [do] da garagem, de costas, e eu cheguei com o carro *e* buzinei pra ver se a- Ela não olhou. Ela [não] não se virou, ela não- Aí aquilo me estalou. Eu disse: “Essa menina está surda”. *Ai*

⁹ Além da sequenciação temporal, os conectores *e*, *ai* e *então* indicam outras relações coesivas, como a consequência (a informação introduzida pelo conector representa a consequência de uma causa mencionada previamente) e a sequenciação textual (o conector sinaliza o encadeamento de uma porção textual anterior com uma posterior sem que emergjam matizes mais específicos de significado) (cf. TAVARES, 2012). Nos trechos de (4) a (7), estão destacadas apenas as ocorrências em que *e*, *ai* e *então* indicam sequenciação temporal, objeto deste estudo.

chamei [a] a M., disse: “M.” Ela disse: “Ah, não é possível, isso é coisa, porque eu às vezes [eu falo <con>] eu falo (inint)”. “É com muita coincidência, tu queres ver uma coisa?” *Aí* fiz mais um teste com ela. É, na mesma hora ela, né? [<ba>] Fiz barulho, bati com martelo não sei onde, ela [nem] nem tomou conhecimento. Aquilo me- Fiquei desesperado. Na mesma hora saí dali, já fui pra casa do A., disse: “A., é passado assim, assim”. “Ah não, M., não é possível. Traz ela aqui, nós vamos fazer um” “Não, traz aqui, não. Tu vais comigo lá, agora. Vais fazer um teste comigo”. *E* constatou-se que, realmente, a menina estava surda. (FLP23)¹⁰

(5) I: Ah, aconteceu sim. Nós fomos- eu me lembro que nós fomos pra uma praia, uma – é Caieira. Conheces essa praia? Pois é, é aqui, né? E a gente se met- Aliás, como pra variar, né? a gente se meteu- começou, assim, a andar pela- pela- pela estrada, foi, foi, foi. *Aí* chegou num- num determinado ponto, a gente queria voltar pela praia- pelas pedras, né? Porque tinha uma parte que adentrava no mar e voltava pelas pedras, né? E era bem peri- perigoso. E a gente foi. *Aí* eu disse: “Meu Deus do céu”, foi- foi um desespero, foi um desespero! Não dava pra voltar. Chega uma determinada hora que não dá mais pra voltar. E o mar ta- estava subindo. Foi um- foi uma coisa horrível, sabes? Ali, não sei, ali- na hora, eu fiquei com medo porque eu achava que a gente não ia conseguir mais voltar, né? Tu vias a praia, tudo, mas não tinham condições. As pedras, chegando nesse ponto, eram muito- ficavam muito dentro da água, porque estava- a maré estava subindo. Então não dava. Nesses dias- essa época aí, esse- esse dia, né? não seria época, dia, foi uma coisa que me marcou muito. Eu tive bastante medo. Na época, não era mais uma brincadeira, não era como a gente fazia de escuro, de pular dentro do buraco. Não era mais uma brincadeira, aí era uma coisa verdadeira mesmo. É que estava todo mundo ali e não tinha ninguém pra ajudar a gente, né? *Aí* eu lembro que a gente- a gente, assim, deu- se deu as mãos e a gente rezou muito, muito, muito. *Aí* depois disso, acho que, né? depois da- da prece que a gente fez, a gente, daí, consegui passar. Mas foi, assim, uma coisa assustante, pra gente, porque a gente era pequena, uma coisa assusta- assustadora.

¹⁰ O código E sinaliza a fala do entrevistador e o código I sinaliza a fala do informante.

(6) E: É, o dinheiro tinha valor, né?

I: É, então a carne seca era comida de pobre. Então, a mãe fazia, botava a água ferver, *ai* jogava a água dentro daquele alguidar e fazia aquele loque- loque de pirão d'água. Não porque não tinha o feijão, é porque eles achavam que iria fazer-ia- iria pesar muito no estômago, podia fazer mal durante a noite, dar uma dor no estômago, uma dor de barriga, uma dor no fígado, coisa parecida. Então fazia aquele prato, então eram oito, com o casal dez, certo? Só que o pai comia o pirãozinho d'água que ele sempre comeu, mais o feijãozinho por cima. Por isso é que eu estou vivendo hoje, setenta e sete anos.

E: E os filhos?

I: E os filhos, não, os filhos não. Os filhos era pirão d'água com carne seca assada na brasa. Botava o espetinho, assim, dentro do fogão à lenha, que na época não existia fogão a gás, botava, assim, deixava assar aquela manta de carne seca, *então* ela passava a mão, dividia aquele alguidar em- Lógico, ela não botava até em cima, botava numa certa altura e dizia: “Esse é do Fulano, esse é do Fulano, esse é do Fulano, esse é do Fulano, esse é do Fulano.” Dividia em dez partes, pronto! Cada um pegava a sua parte, também deu. Agora, tinha fatura, não é que você não podia repetir, mas em seguida vinha aquele pãozinho e aquele melzinho que ele trazia sempre, aqueles vinte pãezinhos, quinze pãezinhos, então sempre vinham. Então a gente pra va- rebater, depois, o- a janta, recebia mais um pã- pãozinho com mel e um- e um cafezinho. (FLP02)

(7) I: Olha, Ingleses, eu não me lembro muito, mas eu acho que Ingleses dava pra- mas também era distante. A Lagoa- a Lagoa era assim: a estrada, dia de chuva, por exemplo, nós íamos muito pra Lagoa.

E: Pelo morro também?

I: Pelo morro, mas o morro era horrível, porque o morro não era asfaltado, era uma coisa perigosíssima, viu? Bom chofer, só. Então, nós íamos pra Lagoa de manhã, aí íamos num táxi. O chofer nos levava até lá embaixo na casa da- de uma prima que eu tinha lá, viu? Ficávamos lá o dia inteiro. Então, ficava combinado assim: que o chofer iria nos buscar, ia eu, meu marido, os filhos, tudo, a minha mãe, íamos todos pra lá. *Então*, a gente descia, assim, com- com cestas, com- quer dizer, descia de táxi e levava até lá. E era combinado assim: ele ia nos buscar às cinco horas. Se chovesse, que não dava

pra descer o morro, ele ficava lá em cima no morro e fazia sinal com o farol, *ai* a gente subia o morro com aquelas tralhas todas. (FLP24)

Submeti os dados a tratamento estatístico através do programa *Goldvarb X* (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos,¹¹ e para a identificação da ordem de significância dos grupos de fatores. Realizei rodadas binárias do programa, considerando, a cada rodada, uma das variantes *versus* as demais (isto é, *e versus ai e então; ai versus e e então; então versus e e ai*). Esse procedimento é necessário porque o *Goldvarb X* não realiza rodadas multinomiais, somente rodadas binomiais (cf. TAGLIAMONTE, 2006).¹²

Controlei como possíveis condicionadores da variação entre os conectores *e*, *ai* e *então* na indicação de sequenciação temporal: (i) o gênero textual; (ii) a sequência textual; (iii) o nível de articulação; (iv) o grau de conexão; (v) o traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector;¹³ (vi) o sexo; (vii) a idade; e (viii) o nível de escolaridade.

O Quadro 1, a seguir, apresenta a ordem de relevância, para cada um dos conectores, dos grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb X*. Os grupos de fatores sequência textual e traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector não foram indicados como relevantes para nenhum dos três conectores.

¹¹ O *peso relativo* é uma medida multidimensional ou multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores considerados em relação ao fenômeno variável, indicando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes.

¹² Tagliamonte (2006) informa que nunca foi implementada a opção de rodada multinomial de um nível, embora essa opção exista no menu “Cells” do *Goldvarb 2.1* e do *Goldvarb X*. A autora informa também que, no campo da sociolinguística variacionista, bem poucos estudos valeram-se de análises multinomiais.

¹³ Controlei quatro níveis de articulação: entre orações, entre segmentos tópicos, entre subtópicos e entre tópicos; cinco sequências textuais: narrativa, procedimentos, descrição de vida, descrição e argumentação; e quinze traços semânticos verbais, a exemplo de atividade específica, atividade difusa, instância e processo. O grau de conexão foi avaliado considerando-se a continuidade, entre as orações interligadas pelo conector, de elementos significativos para a coerência temática (por exemplo, sujeito, tempo, aspecto, modo etc.). Em Tavares (2003) estão expostas detalhadamente estratégias que podem ser adotadas para o controle desses grupos de fatores.

QUADRO 1

Ordem de relevância dos grupos de fatores para os conectores *e*, *ai* e *então*

GRUPOS	E	AÍ	ENTÃO
Gênero textual	sexto	segundo	primeiro
Nível de articulação	primeiro	quarto	terceiro
Grau de conexão	segundo	quinto	sexto
Sexo	quinto	sexto	quarto
Idade	quarto	terceiro	quinto
Nível de escolaridade	terceiro	primeiro	segundo

Apresento aqui apenas os resultados referentes ao gênero textual, foco deste estudo, que podem ser visualizados na Tabela 1, abaixo:¹⁴

TABELA 1

Influência dos gêneros textuais narrativa de experiência pessoal e narrativa habitual sobre o uso dos conectores sequenciadores temporais *e*, *ai* e *então*

GÊNERO	E			AÍ			ENTÃO		
	Apl./ Total	%	PR	Apl./ Total	%	PR	Apl./ Total	%	PR
Narrativa exp. pessoal	88/226	39	0.440	129/226	57	0.604	9/226	4	0.334
Narrativa habitual	79/152	52	0.530	45/152	30	0.348	28/152	18	0.737
<i>Total</i>	<i>167/378</i>	<i>44</i>	<i>..</i>	<i>174/378</i>	<i>46</i>	<i>..</i>	<i>37/378</i>	<i>10</i>	<i>..</i>

¹⁴ Na Tabela 1, *Aplicação* (Apl.) refere-se ao total de dados de cada conector em cada gênero textual. O peso relativo (PR) é uma medida multidimensional ou multivariada importante para a pesquisa variacionista, pois resulta do controle simultâneo de vários elementos contextuais (no formato de múltiplas variáveis independentes/grupos de fatores) capazes de influenciar a variável linguística. Os pesos relativos variam de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0 for o peso, menos influente é o fator que o recebeu; quanto mais próximo de 1, maior é a influência.

Na amostra de dados considerada, o conector *então* foi pouco encontrado na tessitura de cadeias de eventos segundo sua ordem de ocorrência no tempo, contando com apenas 37 ocorrências (10% do total de dados). A distribuição geral dos conectores *e* e *aí* revelou homogeneidade: *e* foi responsável por 44% das ocorrências e *aí* foi responsável por 46% delas.

O emprego do *aí* na indicação de sequenciação temporal de eventos foi favorecido na narrativa de experiência pessoal. Nesse gênero textual, foi atribuído a *aí* o peso relativo de 0.604, com frequência de 57%. Em contraste, *aí* teve sua utilização reduzida na narrativa habitual, com frequência de 30% e peso relativo de 0.348.

Por sua vez, *e* e *então* foram desfavorecidos na narrativa de experiência pessoal, com pesos relativos de 0.440 e 0.334, respectivamente, e frequências de 39% e 4%. O *e* foi levemente favorecido pela narrativa habitual, com frequência de 52% e peso relativo de 0.530. Quanto ao *então*, observa-se haver uma forte inclinação para que esse conector ocorra na narrativa habitual, com frequência de 18% e peso relativo bastante elevado, de 0.737. Portanto, embora a narrativa habitual represente um ambiente propício para a utilização do *e*, constitui-se em um ambiente ainda mais favorecedor para a utilização do *então*.

Urge notar ainda que *então* é fortemente inibido na narrativa de experiência pessoal, contando com apenas nove ocorrências (4% dos dados referentes a esse gênero textual), o que pode ser tomado como um indício de que esse conector pode ter se especializado para a indicação de sequenciação temporal na narrativa habitual, em detrimento da narrativa de experiência pessoal, questão que merece maior aprofundamento futuro.

Os resultados corroboram as hipóteses previamente levantadas, revelando que *aí*, estilisticamente marcado como informal, tem seu uso como conector sequenciador temporal favorecido na narrativa de experiência pessoal, gênero textual em que estilos informais costumam predominar. Em contraposição, esse conector tem seu uso restringido na narrativa habitual, gênero que não tende a gerar um envolvimento emocional tão intenso por parte do falante como aquele que geralmente o arrebatava em uma narrativa de experiência pessoal. Na narrativa habitual, passam a ser favorecidos *e* e *então*, conectores estilisticamente neutros e, portanto, opções mais prestigiadas que o *aí* para contextos de menor informalidade na comunidade de fala de Florianópolis.

4 Considerações finais

Mondorf (2010, p. 220) afirma que é necessário “dar lugar central” para o efeito do gênero textual, que “tem sido frequentemente negligenciado mesmo na pesquisa variacionista.” Segundo a autora, “a negligência dos efeitos do gênero nunca foi axiomática, mas sim resultado das dificuldades de operacionalizar os efeitos do gênero” (MONDORF, 2010, p. 220).

Um dos primeiros passos na busca dessa operacionalização é selecionar a estratégia a ser empregada para o controle dos gêneros textuais. Há diversas possibilidades, como as propostas por Tavares (2014), entre as quais se destacam: (i) a coleta de dados em dois ou mais gêneros textuais e o controle desses gêneros através de um grupo de fatores; (ii) a submissão de dados extraídos de dois ou mais gêneros textuais a rodadas estatísticas distintas para posterior cotejamento dos resultados de cada rodada; (iii) a comparação de dados provenientes de gêneros idênticos ou similares produzidos em macrogêneros distintos, a exemplo da entrevista sociolinguística e da conversação.

Neste estudo, analisei a utilização variável dos conectores *e*, *aí* e *então* na indicação de sequenciação temporal de eventos em dois gêneros textuais narrativos, a narrativa de experiência pessoal e a narrativa habitual, produzidas por informantes florianopolitanos ao longo de entrevistas sociolinguísticas. Controlei esses gêneros textuais valendo-me da estratégia descrita no item (i) suprarreferido.

A distribuição dos conectores *e*, *aí* e *então* nos gêneros narrativos considerados atestou a hipótese de que *aí*, relacionado por informantes florianopolitanos a situações de interação informais, seria mais recorrente na narrativa de experiência pessoal, que representa um contexto propício para a emergência de estilos informais. Em contraste, *e* e *então*, considerados estilisticamente neutros, receberiam destaque na narrativa habitual, o que de fato se verificou.

Independentemente da estratégia de controle de gêneros textuais adotada, é importante que pesquisas variacionistas considerem o gênero como um possível condicionador do uso de uma forma variante em detrimento de outra(s), seja por questões estilísticas, a exemplo deste estudo, ou por qualquer outra característica do gênero que possa exercer influência sobre um dado fenômeno variável, a exemplo do estudo de Travis e Lindstrom (2016), que investigou a variação, no inglês, da

expressão do sujeito humano específico de terceira pessoa do singular tomando como variantes o sujeito exposto e o sujeito não exposto (sujeito nulo). As autoras fizeram uso de dados extraídos dos seguintes gêneros textuais: (i) conversações espontâneas envolvendo de dois a quatro indivíduos membros de uma mesma família, ou com relações de amizade ou ainda que se conheciam superficialmente; e (ii) de narrativas vicárias monológicas em que cada informante relatou um pequeno filme ao qual havia assistido.

Travis e Lindstrom (2016) não obtiveram evidência de que gramáticas distintas estariam subjacentes à expressão do sujeito nesses gêneros textuais. Em ambos, o sujeito nulo ocorreu em orações correferenciais unidas por uma conjunção coordenativa e na posição inicial prosódica de orações principais declarativas, sendo ainda sensível à acessibilidade, *priming* e sequencialidade temporal, fatores que foram controlados como variáveis independentes. O único efeito diferenciador é o próprio gênero textual: o sujeito nulo foi bem mais frequente na narrativa vicária do que na conversação, o que as autoras atribuíram ao fato de as narrativas vicárias serem monológicas: cada informante relatou eventos ocorridos com um pequeno número de pessoas, o que favoreceu o aparecimento do sujeito nulo; diferentemente, nas conversações, devido à interação entre os participantes, houve maior alternância de sujeitos (isto é, não correferencialidade), o que restringiu o aparecimento de sujeitos nulos.

Finalizo pontuando que, embora este estudo apresente resultados ainda iniciais e exploratórios,¹⁵ traz evidências de que o controle do gênero textual é uma ferramenta valiosa para a obtenção de conhecimentos mais acurados sobre a variação discursiva, caso do fenômeno aqui abordado. Trata-se, pois, de uma possibilidade de investigação que merece maior refinamento através da aplicação a outras variáveis de nível discursivo.

¹⁵ Que seja de meu conhecimento, fora este estudo, não há outros que analisem a variação na indicação de sequenciação temporal levando em conta aspectos estilísticos. Há, pois, ainda muito a ser feito.

Referências

- CARRANZA, I. E. Low-narrativity narratives and argumentation. *Narrative Inquiry*, John Benjamins, v. 8, n. 2, p. 287-317, 1998.
- ECKERT, P. Style and social meaning. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.
- LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.
- LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 31-43.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, W. *The language of life and death: the transformation of experience in oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- MACAULAY, R. K. S. The question of genre. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 78-82.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox, 2008.
- MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.
- MONDORF, B. Genre effects in the replacement of reflexives by particles. In: DORGELOH, H.; WANNER, A. (Ed.). *Syntactic variation and genre*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 219-245.
- SILVA, V. L. P. P. da. Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. *Diacrítica*, Braga, v. 24, p. 471-489, 2010.
- RIESSMAN, C. K. Beyond reductionism: narrative genres in divorce accounts. *Journal of Narrative and Life History*, Lawrence Erlbaum Associates, v. 1, n. 1, p. 41-68, 1991.

RIESSMAN, C. K. *Narrative analysis*. Newbury Park, CA, London: SAGE Publications, 1993.

RIESSMAN, C. K. *Narrative methods for the human sciences*. London: SAGE, 2008.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 4 out. 2015.

SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. V. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. V. T.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Gramática emergente: recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, E. R. (Ed.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo, Contexto: 2012. p. 33-51.

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. N. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.

TAVARES, M. A. Mapeando textos de diferentes gêneros em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 176-194, 2015.

TRAVIS, C. E.; LINDSTROM, A. M. Different registers, different grammars? Subject expression in English conversation and narrative. *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 28, n. 1, p. 103-128, mar. 2016.